



Recebido em:
03/08/2017
Aprovado em:
08/08/2017
Editor Respo.: Veleida
Anahi
Bernard Charlort
Método de Avaliação:
Double Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi:

SEXUALIDADE E JUVENTUDE NA ESCOLA

CRISTIANE DE CASTRO LARANJEIRA ROCHA
DIEGO DE CASTRO LARANJEIRA
MICHELINE DE CASTRO LARANJEIRA

EIXO: 10. EDUCAÇÃO, CORPO, SEXUALIDADE, GÊNERO

Resumo:

Este trabalho foi realizado para contribuir no debate sobre relações existentes entre sexualidade e juventude na escola por meio de palestras, aplicação de entrevista semiestruturada individual (questionário) e jogo vale sonhar abordando o tema numa escola pública estadual de ensino médio de Jequiá da Praia situada no litoral sul de Alagoas, assim melhorar o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem e trabalhar de forma preventiva a saúde sexual, reprodutiva e questões de gênero. A abertura de um espaço para questionamentos relativos à sexualidade é muito importante no ambiente escolar, pois propicia ao aluno um diálogo maior sobre suas dúvidas e expectativas (ROCHA, C.C.L e OLIVEIRA, A.P.L, 2012).

Palavras-chaves: Sexualidade, Prevenção, Juventude na Escola.

ABSTRACT: This work was carried out to contribute to the debate about existing relationships between sexuality and youth in the school through lectures, application of individual semi-structured interview (questionnaire) and game worth dreaming about approaching the subject in a state public school of high school of Jequiá da Praia located in the South coast of Alagoas, thus improving the development of the teaching-learning process and preventive work on sexual and reproductive health and gender issues. The opening of a space for questions related to sexuality is very important in the school environment, as it provides students with a greater dialogue about their doubts and expectations (ROCHA, C.C.L and OLIVEIRA, A.P.L, 2012). Keywords: Sexuality, Prevention, Youth in School.

INTRODUÇÃO

Sexualidade é conceito em disputa, historicamente, e a depender do autor é uma das dimensões do ser humano que envolve gênero, identidade sexual, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução (ABRAMOVAY, CASTRO e SILVA, 2004).

Segundo Foucault (2010) a sexualidade é um “dispositivo histórico”, ou seja, se constitui no movimento dinâmico da história, sendo uma invenção social de um determinado tempo.

É na adolescência e juventude que se amplia o desenvolvimento da sexualidade, tornando essas fases de significativa vulnerabilidade, por conta da imaturidade e da falta de experiências vivenciadas.

A Escola é o principal espaço organizado destinado à formação integral do ser humano e ela tem que procurar meios de abordar a sexualidade de maneira eficaz e positiva (ROCHA, C. C. L.; OLIVEIRA, A. P. L.; Nascimento, J.C.R., 2012) para que o adolescente seja o protagonista desse processo educativo e as salas de aula passem a ser o espaço privilegiado de libertação (ARROYO, 2013), planejando assim, uma vida sexual saudável respeitando seu corpo e o do outro.

A abertura de um espaço para questionamentos relativos à sexualidade é muito importante no ambiente escolar, pois propicia ao aluno um diálogo maior sobre suas dúvidas e expectativas, trazendo um maior autoconhecimento e orientando-os para escolhas que devem tomar (ROCHA, CCL e OLIVEIRA, APL, 2012).

Segundo FIGUEIRÓ, 2010, a preocupação e o interesse em proporcionar aos jovens, uma Educação Sexual que os torne capazes de viver a sexualidade com liberdade e em plenitude emergiu com mais vigor e determinação no século XX, onde os trabalhos mais significativos ocorreram na década de 1960 com o auxílio de professores de Ciências e orientadores educacionais. Os temas trabalhados partiam da necessidade e interesse dos alunos.

Acerca da experiência acima citada WEREBE diz que:

[...] a informação científica não constituía o objetivo principal visado, pois estava - se convencido de que esta informação por si só não poderia ter uma influência importante sobre a atitude dos adolescentes em relação ao sexo. Por esta razão considerava-se essencial, nas reuniões, o estabelecimento de um clima favorável à livre expressão das dúvidas, inquietudes e falsas ideias que os alunos poderiam ter sobre a vida sexual. (WEREBE, 1977, p.230).

Os parâmetros curriculares nacionais, PCN (BRASIL, 2000) preveem a orientação sexual na escola, mas as iniciativas que existem, são tímidas e persistem priorizando os aspectos preventivos da saúde sexual, preocupando-se mais com a ausência de doenças e gravidez e geralmente realizada pelo professor de Ciências ou Biologia, profissionais da educação que não possuem uma boa capacitação para tratar da temática, falando muitas vezes apenas da concepção biológica (JESUS, AS, MELO, ASAF, 2012) em detrimento da discussão sobre sexualidade e gênero no contexto social.

Sexualidade é uma dimensão humana que vai além de sua determinação biológica, pois é, também, culturalmente determinada. As informações sobre ela trabalhadas na escola precisam envolver reflexões individuais e coletivas, contribuindo para que o educando possa viver bem a sua sexualidade (FIGUEIRÓ,2006), independente de sua orientação sexual.

As famílias ainda não se sentem confortáveis para tratar da sexualidade com seus filhos, por isso muitas vezes a responsabilidade em falar sobre o tema fica para a escola. Talvez esse desconforto da família em falar sobre sexualidade com seus filhos, pode estar relacionado a insegurança nas informações sobre o tema, acabando por passar para seus filhos aquilo que também receberam dos seus pais, ou seja, pouca ou nenhuma informação (SOUSA et al, 2006).

Quando a escola é legitimada a interferir sobre a sexualidade, ela intervém na vida do corpo, da espécie, na saúde individual e coletiva, na vida de professores, de alunos e dos que fazem a comunidade escolar em geral (NARDI; QUARTIERO, 2012).

A escola deve estimular a valorização humana como ponto central para uma boa conduta, independente da condição social, sexual, religiosa ou étnica diferente, acima de tudo deve-se valorizar o ser, o indivíduo que usa o conhecimento para interagir e conviver na sociedade.

Um dos desafios da atualidade é saber como conscientizar os jovens e não somente informá-los, pois a informação sozinha não muda comportamento (GONÇALVES, 2000). Mas, mesmo informativa a educação sexual tem sua

importância e deve ser exercida por pessoas que possuam conhecimento sobre o tema e com as quais os adolescentes se identificam, diminuindo comportamentos de risco (VITIELLO, 2000).

O objetivo deste estudo é contribuir para o debate sobre as relações existentes entre sexualidade e juventudes na escola, e conhecer um pouco do perfil dos adolescentes que constituem a comunidade escolar citada.

METODOLOGIA

O estudo foi desenvolvido baseado numa pesquisa exploratória a qual visa avaliar o perfil dos alunos no que se refere ao comportamento/relacionamento sexual, prevenção e sexualidade e com a participação de trinta e oito (38) alunos da 1ª série do ensino médio de uma escola estadual da cidade de Jequiá da Praia.

Utilizou-se a análise qualitativa devido à subjetividade do público e do tema abordado, por isso o quantitativo será apresentado em alguns momentos, mas não será tão relevante.

Para o levantamento dos dados foi utilizado um questionário de preenchimento individual, contendo perguntas objetivas e subjetivas, referentes às concepções sobre sexualidade e prevenção. Nestes questionários não havia identificação pessoal do estudante, apenas a idade e o sexo, visando resguardar as identidades dos participantes.

Inicialmente foi ministrada uma palestra que tinha a função de conversar com os alunos sobre sexualidade e a partir deste diálogo tirar dúvidas que surgiam e posteriormente aplicar um questionário sobre o tema.

A palestra foi ministrada por uma professora de Ciências que integrava a 2ª Gerência Regional de Educação e tinha notório saber sobre a temática, abordando a sexualidade e seus subtemas no período de transformação, passagem da infância para adolescência (mudanças no corpo, desejos, vulnerabilidade e prevenção) e questões de gênero.

Após a palestra e discussões do material apresentado, os alunos fizeram perguntas que preferiram escrever em papéis e colocar numa sacola para manter seu anonimato.

A palestrante tirava uma pergunta de cada vez, lia em voz alta para toda a turma e respondia, isso foi feito até que todas as perguntas que surgiram foram respondidas.

A próxima etapa foi à aplicação de entrevista semiestruturada (questionário com dezesseis (16) perguntas) sobre sexualidade para tentar conhecer o perfil dos alunos. Após a entrega os questionários foram guardados para posterior avaliação e análise. Dando continuidade aos trabalhos sobre sexualidade na escola o professor de Biologia da turma aplicou o jogo vale sonhar.

O vale sonhar é um jogo sobre sexualidade construído e comercializado pelo instituto Kaplan, mas que a Secretaria Estadual de Educação de Alagoas fez parceria e cada escola estadual possui ao menos um kit desse jogo. Cada kit possui três oficinas que trabalham desde o sonho de vida (projeto de vida) até a prevenção de gravidez e Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's) na adolescência de maneira lúdica, proporcionando uma maior interação dos alunos nas atividades.

Os dados obtidos pelas entrevistas semiestruturadas foram analisadas e tratadas qualitativamente e quantitativamente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Trinta e oito estudantes do 1º ano do ensino médio de uma escola estadual de Jequiá da Praia aceitaram participar da pesquisa, sendo 16 do sexo feminino e 22 do sexo masculino. A idade dos participantes do sexo feminino variou entre 15 a 16 anos e nos de sexo masculino, variou entre 16 a 18 anos. Os dados coletados das questões com respostas objetivas foram agrupados na tabela 1 disposta abaixo:

Pergunta	Feminino	Masculino

	Sim	Não	Sim	Não
Tem alguma relação de compromisso	07	09	04	18
Tem memórias das suas primeiras impressões/sensações/descobertas eróticas	09	07	17	05
A educação familiar influenciou a sua forma de viver sua sexualidade	05	10	18	04
Você conversa sobre sexualidade com sua mãe	07	09	06	16
Você conversa sobre sexualidade com seu pai	01	15	12	10
Você conversa sobre sexualidade com outra pessoa	08	08	13	08
Você já iniciou sua vida sexual	06	10	17	05
Usou camisinha	02	03	10	06
Você já esteve grávida ou engravidou alguém	01	15	02	19
Já pegou alguma DST	00	16	01	21

Tabela 1. Perguntas e respostas objetivas sobre sexualidade dos adolescentes

Ao se analisar a primeira questão distribuída na tabela1 percebe-se uma diferença no comportamento entre adolescentes quanto à questão da relação de compromisso e o gênero, visto que 43,7% das adolescentes do gênero feminino afirmarem que possuem relações de compromisso, enquanto apenas 18,2% dos adolescentes do gênero masculino possuírem relações de compromisso, esse resultado pode ser relacionado com os estudos de (SMEHA, L. N., OLIVEIRA, M.V., 2013) que diz,

[...] diante dos relatos, principalmente dos jovens do sexo masculino, aparece como prioridade o desejo de liberdade para se divertir com os amigos, sair para baladas. Pode-se inferir que a liberdade, em muitos casos, pode exigir flexibilidade na dinâmica das relações, tornando-as ainda mais complexas (SMEHA, L. N., OLIVEIRA, M.V., 2013).

Assim, podemos considerar que mesmo na atualidade com tanta luta pela igualdade, o gênero masculino busca relações afetivas mais dinâmicas e transitórias.

Quando perguntadas sobre suas memórias às descobertas eróticas, 56,6% das adolescentes femininas responderam que lembram suas primeiras sensações, enquanto nos adolescentes masculinos essa impressão ficou registrada em 77,3% dos jovens.

Para a indagação se a educação familiar influenciou a sua forma de viver sua sexualidade, 81,8% dos adolescentes masculinos responderam que sim, enquanto 66,7% das meninas responderam que não, talvez essa diferença esteja baseada na forma como a educação da mulher em muitas famílias ainda acontece, “a mulher cuidadora”, ou seja, a boa filha, esposa e mãe, aquela que deve casar e formar família o que segundo FALCKE e ZORDAN (2010) indicam que “o casamento continua desejado pelos adultos jovens, apesar de não estar entre seus principais projetos de vida. O amor é importante, mas não é mais percebido como eterno e exclusivo. A avaliação dos papéis conjugais reflete a transição entre velhos e novos modelos”.

Das adolescentes participantes, apenas uma (6%) revelou conversar com o pai sobre sexualidade e sete (43,7%) conversam com suas mães, enquanto, dos meninos, seis (27,3%) conversam com suas mães e doze (54,6%) conversam com seus pais, portanto, a maioria não conversa com seus pais sobre o tema, revelando que a falta de diálogo entre pais e filhos sobre sexualidade ainda permanece. A pesquisa também revela 61,9 % dos adolescentes do gênero masculino, quanto 50% do gênero feminino conversam sobre sexualidade com seus colegas e amigos o que pode aumentar a vulnerabilidade a riscos sexuais, pois esses colegas podem repassar informações erradas como cita TEIXEIRA:

O grande problema nessa questão é que a maior fonte de informação entre adolescentes e

jovens ainda tem sido os próprios colegas, que muitas vezes passam informações inadequadas, que podem permanecer durante anos na vida desses indivíduos (TEIXEIRA, 2006).

Sobre a iniciação da vida sexual, responderam sim, seis (37,5%) meninas e dezessete (77,3%) meninos, mas quando o assunto é proteção, apenas duas (40%) meninas usaram camisinha em sua primeira relação sexual e 10 (62,5%) dos meninos relatam o uso do preservativo, neste item, um participante dos dois gêneros não respondeu a pergunta. Esses resultados indicam que as jovens meninas ainda são mais vulneráveis a gravidez e DST's, pois o número de meninas que se protegeram foi inferior a 50%. Vale ressaltar que essas adolescentes têm 15 a 16 anos e algumas já possuem 04 anos de relacionamento, o que sugere que sua vida sexual ativa pode ter iniciado aos 12 anos.

Quando a abordagem é gravidez, dos participantes femininos da pesquisa, uma (6,2%) adolescente esteve grávida, mas dois (9,5%) participantes masculinos relatam ter engravidado outras adolescentes.

De todos os participantes, apenas um adolescente masculino relata ter contraído doenças sexualmente transmissíveis o que equivale a 2,6% de todos os entrevistados.

Além das perguntas que estão na tabela, outras seis perguntas subjetivas foram respondidas, mas aqui discutiremos as que foram consideradas mais relevantes para o conjunto, dentre elas podemos citar: Defina sua orientação sexual, quantos parceiros sexuais você já teve E quais as fontes de informação sobre sexualidade, DST's e HIV você tem

Quanto à orientação sexual sete adolescentes se definiram como outro e os outros 31 participantes como heterossexual, mas ninguém definiu - se homossexual. Enquadra-se em "outro", bissexuais, os trans e os que estão se descobrindo.

Tratando – se da transitoriedade das relações afetivas na contemporaneidade, ao se perguntar sobre a quantidade de parceiros que eles já tiveram desde a iniciação de sua vida sexual, das seis meninas, apenas uma delas estava no seu segundo parceiro, o que sugere a busca pela estabilidade afetiva no caso feminino, mas quando se fala dos meninos, dos 17 de vida sexual ativa, seis (35,3%) relataram ter tido mais de três parceiros, dois (11,8%) tiveram dois parceiros e os demais (52,9%) apenas um.

Para a pergunta sobre as fontes de informações sobre o tema e subtemas abordados, a maioria relatou que tinha como fonte de informação a TV, internet, a escola e os amigos. Como TV, internet e amigos nem sempre são fontes seguras de informações, este resultado fortalece o papel da escola nesse contexto, como citado por FIGUEIRÓ, 2006 e NARDI; QUARTIERO, 2012.

Diante dos dados expostos, nota-se que ainda existem muitas diferenças comportamentais entre gêneros, mas alguns pontos são comuns e preocupantes, como o fato de nossos adolescentes não conversarem com seus pais sobre o tema o que os deixam em vulnerabilidade.

A família deve procurar meios para diminuir este distanciamento gerado e se necessário buscar ajuda na própria escola, visto que a Escola é o principal espaço organizado destinado à formação integral do ser humano e ela tem que procurar meios de abordar a sexualidade de maneira eficaz e positiva (ROCHA, C. C. L.; OLIVEIRA, A. P. L.; Nascimento, J.C.R., 2012) para que o adolescente seja o protagonista desse processo educativo e melhore sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo proporcionou bons debates sobre sexualidade com os adolescentes estudantes da escola citada no trabalho e coletou alguns informações que deram condições para algumas proposições dispostas aqui, como por exemplo que a família, ainda se encontra distante de seus filhos quando o assunto é sexualidade, mesmo estando em pleno século XXI, a escola ainda é uma das fontes que o aluno procura para se informar, mas a mídia também anda executando esse papel.

Nossa juventude, mesmo tendo informações ainda se coloca em situações de risco quanto à gravidez e DST's, o que nos remete a reflexão sobre o que estamos fazendo e como estamos fazendo, buscando melhorar a cada dia.

Um dos desafios da atualidade é saber como conscientizar os jovens e não somente informá-los, pois a informação sozinha não muda comportamento (GONÇALVES, 2000). Mas, mesmo informativa a educação sexual tem sua importância e deve ser exercida por pessoas que possuam conhecimento sobre o tema e com as quais os adolescentes se identificam, diminuindo comportamentos de risco (VITIELLO, 2000).

Este estudo contribuiu para o processo de conhecimento dos adolescentes sobre sua sexualidade, o que favorece a emancipação do sujeito e promove o autocuidado.

Considera-se importante desenvolver oficinas, workshops e outras atividades pedagógicas com o tema sexualidade que permitam todos os professores das escolas repensarem sua própria sexualidade, seus sentimentos, atitudes e valores para que possam trabalhar com os alunos, mas um trabalho sem suas impressões pessoais, pois cada pessoa deve viver sua sexualidade da forma que mais lhe agrada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; SILVA, L. B. da, Juventude e sexualidade. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

ARROYO, Miguel G. Currículo, território em disputa. 5. Ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual. Brasília: MEC/SEF, 2000.

FALCKE, D., e ZORDAN, E. Amor, casamento e sexo: opinião de adultos jovens solteiros. Arquivos Brasileiros de Psicologia, 62(2), 143-155, 2010.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível. Londrina: EDUEL, 2006.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação Sexual retomando uma proposta, um desafio. 3ª Edição - Londrina: EDUEL, 2010.

FOUCAULT, M. História da sexualidade: a vontade de saber. São Paulo, Graal, 2010.

GONÇALVES, E. M. V. et al. **Fala Educadora! Fala Educador!** São Paulo: Laboratório Organon, 2000.

JESUS, A.S, MELO, A.S.A.F, Concepções sobre sexualidade, contracepção e prevenção entre universitários de ciências biológicas da UEFS. In: VI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade, 2012, São Cristóvão. Anais Trabalhos Completos, 2012.

NARDI, H.C; QUARTIERO, E. Educando para a diversidade: desafiando a moral sexual e construindo estratégias de combate à discriminação no cotidiano escolar. In: Sexualid, salud y sociedad. Revista latinoamericana. ISSN 1984-6487/ n.11 p. 59-87. Ago. 2012.

ROCHA, C.C.L; OLIVEIRA, A. P. L. ; Nascimento, J.C.R. . Sexualidade no contexto escolar. In: VI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade, 2012, São Cristóvão. Anais Trabalhos Completos, 2012.

ROCHA, C.C.L ; OLIVEIRA, A.P.L, Jogos para a prevenção da gravidez precoce, mundo jovem, nº 426, p.05. Maio de 2012.

SMEHA, L. N., OLIVEIRA, M.V., Revista Psicologia: Teoria e Prática, 15(2), 33-45. São Paulo, SP, maio-ago. 2013. ISSN 1516-3687 (impresso), ISSN 1980-6906 (on-line).

SOUSA, L.B. de et al. Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar. Acta Paul Enferm, 2006.

TEIXEIRA, S. A. Mulheres universitárias: sexo (in)seguro. In: XIII Encontro da Rede Regional Feminista Norte Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher e Relações de Gênero, 2006, Recife (PE). Feminismo: Políticas públicas, desenvolvimento e meio ambiente. Recife, v.1.p.144, 2006.

VITIELLO, N. Sexualidade: quem educa o educador: um manual para jovens e educadores. 2 ed. São Paulo; Iglu, 2000.

WEREBE, M. J. G. A educação sexual na escola. Lisboa: Moraes Editores, 1977.

Graduada em Química, pós-graduada em Gestão Escolar e mestra em Química Orgânica e Biotecnologia. Atualmente exerce a função de Chefe de Rede da 2ª Gerência Regional de Educação do Estado de Alagoas. E-mail: cclrocha@hotmail.com

Graduando em Biologia. Atualmente exerce a função de técnico em patologia clínica na Santa casa de Misericórdia de São Miguel dos Campos. E-mail: diegodecastrolaranjeira@hotmail.com

Graduada em Biologia, especialista em Microbiologia de Alimentos. Atualmente exerce a função de professora de Biologia da Escola Estadual Ana Lins. E-mail: michelmcl@bol.com.br